

Disciplina de ajustamento, uma saída

MICHEL CAMDESSUS

PARIS — A raiz do problema da dívida externa está no duplice fator taxa de crescimento-taxa de juros. A análise do panorama econômico e financeiro internacional mostra a sua inversão em 1981 e as conseqüências que se seguiram. Hoje, nossas preocupações persistem porque ainda há incerteza quanto às suas perspectivas. Na verdade, não poderemos estar seguros enquanto os países industrializados — que não estão sujeitos ao freio de um financiamento condicional do FMI — não se submeterem a disciplinas de ajustamento tão rigorosas como aquelas que o Fundo impôs aos países endividados. Todos os países, na realidade, têm feito esforços. Entretanto, quem ousará afirmar que eles são suficientes e que a estratégia que eles refletem integra tomada de posição livre de conseqüências, para o resto do mundo, de nossas políticas econômicas nacionais?

Esta observação vale, sem dúvida, para os Estados Unidos. A determinação demonstrada pelo governo norte-americano para reduzir o déficit orçamentário da federação, conforme repetidos apelos feitos pelo FMI, terá influência decisiva no nível das taxas internacionais e sobre as chances de crescimento mais harmonioso do mundo.

A observação também se aplica aos países europeus. Sem dúvida, será muito cômodo esperar que a mudança decisiva venha de Washington. Entretanto, os países europeus não poderão ignorar as responsabilidades que lhes tocam em relação à taxa de crescimento global dos países industrializados. Não é um fato sem importância para o mundo que um mercado de 260 milhões de habitantes tenha crescido à taxa de apenas 2,3% em 1984, contra 7,3% dos EUA e 5% do Japão. Nós, europeus, sabemos que tais taxas não nos são possíveis, no momento. Entretanto não poderemos resignar-nos à situação atual. Se a Europa se conformasse diante do que foi chamado de "esclerose européia", estaria assumindo pesada responsabilidade em relação aos países em desenvolvimento. Apesar disto, sabemos que a contribuição da Europa a esta questão não poderia advir de uma estimulação artificial do crescimento. Ao contrário, ela deverá ser fruto da intensificação dos esforços destinados a favorecer a flexibilidade do sistema produtivo — fator que as experiências japonesa e norte-americana mostraram ter papel fundamental na retomada do crescimento econômico. Existe, portanto, relação profunda, e muitas vezes ignorada, entre os esforços de ajustamento e de modernização da Europa, primeiro parceiro comercial dos países em desenvolvimento e a regulamentação dos problemas de endividamento.

Mas, como já vimos, mesmo se, graças à generalização do trabalho de ajustamento, os resultados globais em matéria de taxas de juros e de crescimento forem atingidos, a situação prevista para 1990 permanecerá instável e bem medíocre na órbita financeira, a menos que os esforços e fórmulas atuais sejam reforçados.